



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

MARIA APARECIDA ANACLETO PONTES

A CURA PELA PALAVRA: A trajetória de uma rezadeira entre o campo e a cidade e sua
vivência de reza tradicional

**JOÃO PESSOA
2024**

MARIA APARECIDA ANACLETO PONTES

A CURA PELA PALAVRA: A trajetória de uma rezadeira entre o campo e a cidade e sua vivência de reza tradicional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel em Ciências das Religiões sob orientação do Prof. Dr. Fabrício Possebon.

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P814c Pontes, Maria Aparecida Anacleto.

A cura pela palavra: a trajetória de uma rezadeira entre o campo e a cidade e sua vivência de reza tradicional / Maria Aparecida Anacleto Pontes. - João Pessoa, 2024.

27 f. : il.

Orientação: Fabrício Possebon.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Rezadeiras. 2. Cura pela palavra. 3. Sagrado. 4. Religiosidade popular. I. Possebon, Fabrício. II. Título.

UFPB/CE

CDU 27-468.6(043.2)

MARIA APARECIDA ANACLETO PONTES

**A CURA PELA PALAVRA: A trajetória de uma rezadeira entre o campo e a cidade e
sua vivência de reza tradicional**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fabrício Possebon
(Orientador/DCR/UFPB)



Prof.ª Dr.ª Fernanda Pinheiro Cavalcanti
(Membro Externo da Banca)



Prof.ª Dr.ª Regina Coeli Araújo Trindade Negreiros
(Membro Externo da Banca)

João Pessoa, 27 de setembro de 2024

Dedico este trabalho aos meus filhos, Nina, Ana, Jorge e à minha neta Aya.

RESUMO

Este artigo pretende descrever como se desenvolve o ofício de rezadeira, a partir do relato de dona Lurdes, que descreve sua atividade de mais de 40 anos, e a partir da atividade desta senhora poder contemplar todas as outras pessoas - na sua grande maioria mulheres - que organizam todas as suas atividades diárias priorizando rezar e curar pela palavra as pessoas que as procuram, como a parte principal em meio a tudo mais que precisam desempenhar no dia a dia. Rezar as pessoas está acima de qualquer compromisso que possam ter no momento. Neste trabalho optamos por um enfoque qualitativo para analisarmos os fenômenos desta atividade de cura, com entrevistas, algumas fotografias e referências bibliográficas, dando assim respaldo e abrangência ao enfoque deste ofício de curar pela palavra que integra a religiosidade popular. No campo onde desenvolvemos nossa pesquisa no passado haviam muitas rezadeiras e rezadores, mas na atualidade só encontramos duas com idade avançada, mais de oitenta anos, uma ainda atuante e a outra já não rezando mais. Nossa pesquisa foi realizada na cidade de Ingá que faz parte da mesorregião Agreste Paraibano, que possui uma população de 17.692 habitantes, censo 2022, e está a noventa e sete quilômetros da capital João Pessoa. Durante nosso trabalho de campo concluímos que a diminuição no número de rezadeiras é algo preocupante e precisa ser feito o necessário esforço para formalizar o reconhecimento deste ofício junto aos órgãos públicos para que esse legado possa ser passado para as gerações futuras como informação e como valorização para que novas rezadeiras possam assumir o ofício deixado pelas mais velhas. Seria uma forma eficaz a reza/benedição tradicional ser incorporadas as PICS¹, pela PORTARIA nº 702, ANEXO A DO ANEXO 4 DO ANEXO XXV, dentro do espaço definido como imposição de mãos.

Palavras-chave: rezadeiras; cura pela palavra; religiosidade popular; sagrado; PCIS.

¹PICS - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

ABSTRACT

This article aims to describe the development of the craft of the rezadeira traditional healer who uses prayer through the account of Dona Lurdes, who details her more than 40 years of practice. By examining her work, we can also reflect on all the other people—mostly women who—organize their daily activities by prioritizing praying and healing through words for those who seek them, as the main task amidst all the other responsibilities they must perform in their day-to-day lives. Praying for others takes precedence over any other commitments they might have at the time. In this work, we chose a qualitative approach to analyze the phenomena of this healing activity, using interviews, some photographs, and bibliographic references to provide support and breadth to this focus on the craft of healing through words, which is an integral part of popular religiosity. In the area where we conducted our research, there used to be many rezadeiras and rezadores (male healers), but today we found only two elderly women, both over eighty years old—one still active, the other no longer practicing. Our research was conducted in the city of Ingá, which is part of the Agreste Paraibano mesoregion, with a population of 17,692 inhabitants (2022 census), located ninety-seven kilometers from the capital, João Pessoa. During our fieldwork, we concluded that the decrease in the number of rezadeiras is concerning, and efforts must be made to formalize the recognition of this craft by public institutions so that this legacy can be passed on to future generations as both information and appreciation, enabling new rezadeiras to take up the role left by the older ones. One effective way would be to incorporate traditional prayer/blessing into the Integrative and Complementary Health Practices (PICS¹), as outlined in Ordinance No. 702, Annex A of Annex 4 of Annex XXV, within the framework defined as "laying on of hands."

Keywords: rezadeiras; healing through words; popular religiosity; sacred; PICS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dona Lurdes.....	13
Figura 2 - Dona Lurdes desenvolvendo seu ofício de reza com uma mulher.....	14
Figura 3 - Dona Lurdes no seu ritual de reza com um homem.....	14
Figura 4 - Entrevista com Dona Lurdes.....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PASSAGEM DA REZA E VALIDAÇÃO SOCIAL.....	10
3 PERFIL E CARACTERÍSTICAS DAS REZADEIRAS.....	11
4 A REZA.....	14
5 UM LONGO CAMINHO.....	17
6 O TRABALHO DE FATO.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICE	27

1 INTRODUÇÃO

O ofício de rezadeira se apresenta na história de vida de Dona Lurdes, que é uma mulher agricultora, e boa parte de sua vida morou na zona rural, com seus pais e, depois, quando constituiu família com seu esposo e filhos.

Uma senhora de religião católica, embora também houvesse na sua família parte de seus membros que eram evangélicos pentecostais (Assembleia de Deus).

Esse ofício, para Dona Lurdes, assim como para muitas outras mulheres, se soma a tantas outras atividades e, por que não, outros ofícios, no caso dela, agricultora; outras tantas são parteiras, raizeiras, pescadeiras, e cuidam das festividades que ocorrem nas suas comunidades. São essas mulheres que se juntam a tantas outras pessoas para fazer acontecer a vida religiosa popular.

Essas mulheres são autoridades no desenvolvimento de rituais sagrados de cura, no local onde vivem e em regiões circunvizinhas; por isso, são respeitadas por realizarem a cura de pessoas, animais, plantações e pastagens, e por manterem o contato direto com o sagrado.

O ofício de rezadeira tradicional é uma atividade desempenhada, em sua quase totalidade, por mulheres. Uma observação a ser feita é que este trabalho não está sendo desenvolvido a partir de questões de gênero – não é o nosso foco aqui –, mas, quando se trata de pesquisa com rezadeiras, a maioria são mulheres que desempenham esta atividade; daí darmos atenção a essa predominância.

O que pretendemos com esse trabalho é observar e analisar como, neste campo, está se desenvolvendo o ofício de reza tradicional, diante do cenário que vivemos atualmente, com a inovação tecnológica e o avanço na medicina, como esse ofício popular de cura pela palavra resiste e permanece com vitalidade ou não.

O caminho percorrido nos dará conteúdos para chegarmos às respostas necessárias; olharmos a reza tradicional popular, neste momento, nos dará o panorama atual de como, de fato, esta atividade tão necessária e valorizada por parte da população está sendo mantida.

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa de campo com uma rezadeira tradicional católica, onde foram feitas visitas periódicas e, a cada uma delas, gradativamente, a senhora foi relatando seu histórico de vida como rezadeira, que já dura 44 anos. Para iniciar o trabalho, um questionário foi elaborado com as principais perguntas que propiciaram o relato de todas as atividades de Dona Lurdes no seu ofício de rezadeira nesses últimos 44 anos.

Foram, ao todo, quatro visitas, e, em cada uma delas, ia sendo relatada por ela sua trajetória. Às vezes surgia algo totalmente novo que não havíamos conversado, e ela contava com muito entusiasmo.

Assim foram contadas as curas feitas em pessoas de variadas idades, com as mais diversas queixas, e todas saíam satisfeitas. A reza se dá durante três dias: dois dias com orações normais e, no terceiro dia, além das orações de rotina, ocorre o oferecimento para que o ciclo se feche e a pessoa esteja, de fato, curada. Em alguns casos, as pessoas, por sentirem os sinais da cura já no primeiro dia, não voltam para completar a reza, e, de acordo com ela, às vezes isso não dá certo, e, algum tempo depois, a pessoa volta com os mesmos sintomas.

As visitas foram marcadas pelo WhatsApp (aplicativo de mensagens), com bastante antecedência, de acordo com o tempo que Dona Lurdes pudesse nos receber em sua casa. Todas as entrevistas foram gravadas para, só depois, serem transcritas. Pedi permissão à rezadeira, que não colocou nenhuma objeção.

Para realizarmos o nosso trabalho, utilizamos a abordagem qualitativa, a partir de referenciais teóricos, entrevistas e fotografias, com uma única rezadeira, para obtermos informações sobre esse ofício desenvolvido na cidade de Ingá – PB.

Este município faz parte da mesorregião Agreste Paraibano, possui uma população de 17.692 habitantes, segundo o censo de 2022, e está a noventa e sete quilômetros da capital João Pessoa. Sua economia se baseia na agricultura de subsistência.

Nos anos 80, este município era um dos maiores produtores de algodão (*Gossypium L.*) do estado, mas, com a chegada do bicudo (*Anthonomus grandis*), suas plantações foram dizimadas. Nos últimos anos, essa atividade está voltando aos poucos.

O município também conta com uma pecuária bovina, caprina e suína de pequenos rebanhos, e a cidade possui um comércio variado de pequeno porte. Esta cidade possui uma particularidade, que são as Itacoatiaras, um conjunto de inscrições rupestres, ainda não decifradas, talhadas na pedra de granito, formando um dos patrimônios arqueológicos e culturais mais importantes do estado e da região.

Organizamos os relatos colhidos de forma que possam nos dar a dimensão deste ofício na atualidade e, a partir desse trabalho, podermos observar quais são as possibilidades de reconhecimento formal por parte do governo local, como já existem em certos municípios, como é o caso de Maranguape - CE e Florianópolis - SC.

A equipe da Secretaria de Saúde concluiu que, para diminuir a mortalidade infantil decorrente de diarreia, havia a necessidade de conhecer as rezadeiras do município e compreender melhor o seu papel na comunidade, envolvendo-as na hidratação das crianças. [...] Seria preciso que os profissionais de saúde tivessem disponibilidade para aprender com as rezadeiras, compreendendo o significado na efetivação da cura. Surgiu assim o Programa Soro, Raízes e Reza (BNDES, 2003, p. 42).

Florianópolis - SC declarou, neste ano de 2024, a prática de benzedura como patrimônio. “Declara como patrimônio imaterial ou intangível do município de Florianópolis o bem cultural denominado práticas de benzeduras” (Diário Oficial Florianópolis, 2024, p. 5).

Tendo como exemplo esses dois casos dos municípios acima citados, percebe-se como, cada um a seu modo, usou suas ferramentas institucionais para valorizar e reconhecer essa classe de mulheres que, com seus conhecimentos ancestrais, há séculos usam sua sabedoria para aliviar as dores do corpo e da alma e curar seus semelhantes.

Pensamos, a princípio, no campo onde realizamos esta pesquisa, em encontrar formas de envolver o poder público do município de Ingá - PB para, junto com a sociedade, descobrirmos meios legais de reconhecimento do valor dessas mulheres e do ofício que elas desempenham, para que não sejam apenas seus usuários a reconhecerem sua importância e relevância no cuidado integral da saúde.

Seria muito importante que essa articulação para o reconhecimento formal desse ofício, tão necessário para a população, principalmente a de poucos recursos financeiros nas periferias e na zona rural, alcançasse outros estados e mudasse o cenário atual, que se mostra muito pontual.

Esse reconhecimento formal da importância do ofício de rezadeira na atualidade é extremamente necessário, e sua abrangência deveria chegar a todos os municípios onde a reza tradicional existe, pois há rezadeiras e rezadores em praticamente todas as cidades, e não só da matriz cristã, mas também da afro-indígena. Nada mais justo que esse reconhecimento seja dado a todos, pela relevância dessa atividade no trato integral da saúde.

A rezadeira, em uma comunidade, é alguém responsável pelo complexo ato de curar as pessoas de muitos males que, às vezes, mesmo com todo o avanço da medicina, em certos problemas, só ela consegue responder positivamente e descobrir a maneira certa de cuidar daquela enfermidade, por causa de sua abordagem que cuida da inteireza das pessoas.

O reconhecimento formal público seria, a nosso ver, uma forma de preservar essa sabedoria e incentivar as novas gerações no cultivo da reza, para dar continuidade ao seu uso, passando esse legado como vem sendo feito até as gerações atuais. No entanto, no momento está ocorrendo uma diminuição drástica no número de rezadeiras e rezadores, além de haver pouco interesse por parte dos mais jovens em aprender o ofício.

2 PASSAGEM DA REZA E VALIDAÇÃO SOCIAL

Para exercer sua função de rezadeira, é necessário que a pessoa receba a passagem da reza de alguma outra rezadeira, que quase sempre é alguém da família. Na reza tradicional popular, há um sentido de passagem, de ancestralidade. É comum que a nova rezadeira viva em um meio onde as pessoas de sua família e amigos já sejam rezadores; de certa forma, o meio já propicia essa iniciação. De acordo com Santos (2007, p. 15), "geralmente, o conhecimento particular e especializado de uma

rezadeira é transmitido através de parentes próximos que dominavam ou dominam os saberes das rezas: as avós, as mães, as tias etc."

Um fator bastante relevante é a idade em que a rezadeira inicia suas atividades, quase sempre em uma idade mais madura. Ser jovem demais pode gerar desconfiança a respeito da força de sua reza. Muito raramente se encontra uma rezadeira muito jovem. Um dos fatores que possibilita essa constatação é o fato de que uma rezadeira precisa ser validada e aceita pela sua comunidade.

"O que está em jogo é o direito do indivíduo de buscar o seu lugar na sociedade e, nesse caso, trata-se de um indivíduo que precisa construir sua identidade segundo as indicações de uma tradição vigorosa. Por isso, além do sacrifício decorrente da aprendizagem do sagrado, a benzedeira tem que lidar com a possibilidade de abdicar de certos desejos pessoais para desempenhar o papel no grupo" (Pereira; Gomes, 2018, p. 118).

Durante a entrevista com a rezadeira com quem realizamos o trabalho, ela fala a respeito dessa validação. Ela conta que os vizinhos perguntavam se ela rezava, porque já sabiam por outras pessoas, e assim ela começou a rezar, com a notícia se espalhando até o ponto de atender gente das redondezas mais distantes.

De fato, a validação da nova rezadeira é um ponto crucial na vida dessas mulheres. Ser aceita pela sua comunidade define sua trajetória e molda sua experiência de vida, marcada pela dedicação ao próximo. Essa trajetória se define pela entrega absoluta a um ofício que é realizado e balizado pelo fazer o bem sem receber nenhuma forma de pagamento, exceto o reconhecimento pelas curas realizadas e o respeito que essas mulheres recebem por se dedicarem à religiosidade e ao sagrado, vivendo primeiramente para cumprir sua missão de rezadeiras e sendo as pessoas com quem a comunidade pode contar a qualquer hora para aconselhamentos.

3 PERFIL E CARACTERÍSTICAS DAS REZADEIRAS

Esse ofício é desenvolvido por senhoras, quase sempre católicas, que gozam do respeito e admiração de suas comunidades, pois são devotas dos santos católicos, tendo maior inclinação à devoção a Nossa Senhora, Jesus e à Santíssima Trindade, embora não se restrinjam a esses. Em certas rezas, invocam-se santos específicos para certos males. De acordo com Pereira e Gomes (2018), para engasgo, por exemplo, o pedido é feito a São Brás, por ter salvo uma criança que engasgou com uma espinha de peixe.

Essas mulheres desenvolvem o ofício de rezadeiras realizando seus rituais de cura sem exigir qualquer pagamento, embora muitas vivam em condições de poucos recursos financeiros. Essa atitude pode parecer contraditória: "[...] a benzedeira e o benzedor curam pelo poder da palavra, e seu trabalho

não é remunerado, ainda que as condições de sobrevivência material lhes sejam geralmente difíceis e, em muitos casos, penosas" (Pereira e Gomes, 2018, p. 16).

As rezadeiras desempenham um papel fundamental nas suas comunidades, oferecendo conforto físico e espiritual a todos que as procuram para sanar desconfortos e doenças que, de alguma forma, não conseguiram resolver com os meios convencionais da medicina. Algumas pessoas também procuram a reza por fé, acreditando que ela resolverá seu problema, ou optam por unir a reza ao tratamento médico convencional. Como afirma Santos (2007), as rezadeiras, ao contrário do que se possa pensar, têm papel fundamental na cura de várias doenças, mesmo que em muitos casos as pessoas as procurem em conjunto com os médicos.

Essa interação entre a reza tradicional e a medicina se dá pelo fato de serem abordagens diferentes, mas que objetivam o mesmo fim: o bem-estar das pessoas. Dependendo da localidade, se houver uma rezadeira, certas pessoas só vão ao médico em casos de enfermidades que apenas ele pode tratar. De acordo com Melo e Nunes (2011, p. 120), "haveria doenças mais sensíveis à ação do rezador ou da rezadeira, como também outras mais apropriadas para serem tratadas pelo médico." Nesse caso, tanto as rezadeiras quanto os doentes têm a clareza de não misturarem as competências e seus campos de atuação, evitando assim aborrecimentos e conflitos desnecessários.

Entender que cada um tem seu espaço e sua importância e exercer o respeito faz com que, tanto a rezadeira quanto as pessoas de sua comunidade saibam a hora e o jeito certo de acessar a abordagem apropriada para o desconforto ou adoecimento, além do momento de unir os dois saberes.

A comunidade, sabendo quando procurar a rezadeira ou o médico para tratar seus problemas de saúde, evita o atrito entre os saberes ancestralmente estabelecidos e usados na medicina popular, como a reza/benzimento, e os conhecimentos científicos da área de saúde, onde as equipes médicas fazem suas abordagens e diagnósticos.

Nesse contexto, podemos citar o exemplo que ocorreu em uma cidade do Ceará, onde a secretaria de saúde, junto com suas equipes nos postos de saúde da família, criou meios efetivos para incluir as rezadeiras no trabalho de combate à desidratação, que estava elevando a mortalidade infantil. Assim, restabeleceram o equilíbrio, resolvendo o problema da mortalidade infantil por causas evitáveis.

Esse caso ocorreu em Maranguape - CE, com a criação do Programa Soro, Raízes e Reza, que se tornou um exemplo de reconhecimento da necessidade de integrar as competências das rezadeiras e de como elas poderiam contribuir com seus saberes, sua articulação e seu conhecimento das comunidades, para auxiliar as equipes médicas que estavam perdendo a batalha contra a desidratação.

Seria ideal que essas experiências não fossem tão pontuais, mas que houvesse um acolhimento maior pelos municípios, para que todos os saberes da cultura popular, que coexistem no seio das suas comunidades, fossem vistos e valorizados formalmente, com reconhecimento público. Sabemos que há

um longo caminho pela frente, mas é necessário pensar em dar celeridade a isso no momento atual, para que esses saberes não se percam.



Figura 1 - Dona Lurdes
Fonte: acervo do autor.

No caso de dona Lurdes, que reza a oração de "olhado" para todas as pessoas que a procuram com as mais diversas queixas de adoecimento no corpo, como: moleza, febre, dor de cabeça, vômito, mal-estar geral, sinais de depressão, sua reza tem um início comum às rezas de quebranto/mal olhado, rezadas em outras partes do país, mas só no início, pois, à medida que vai desenvolvendo o ritual, a reza vai se diferenciando.

Ela vai organizando com outras frases que não são encontradas facilmente em outras composições de reza, percorrendo como se estivesse à procura de onde foi colocado o mal, através da inveja que a pessoa sentiu da outra, que acabou ficando doente após sua admiração.

Essa admiração pode ter se alojado tanto no corpo físico quanto na aparência ou em um aspecto de condição financeira. Dependendo de quem se admira, essa admiração pode conter uma força maligna capaz de adoecer uma pessoa adulta, criança, planta, animal ou qualquer outro tipo de posse que alguém possa ter.

Assim, a partir da reza, a pessoa vai se purificando novamente e restabelecendo o equilíbrio que foi quebrado ou enfraquecido. Conforme afirmam Pereira e Gomes (2018, p. 105): “Os modos de ação, em seus aspectos gerais, mostram que os rezadores fazem a mediação entre o sagrado e o profano, mapeando os caminhos da ordem e da desordem para reequilibrar as relações do homem entre si e com o mundo.”

Todas essas questões são perceptíveis na reza que vem a seguir, usada por dona Lurdes (84 anos, agricultora, viúva, católica, nascida em Itambé - PE e residente na cidade de Ingá - PB), em todas as pessoas que a procuram para se rezarem, apresentando queixas diversas.

Na reza tradicional, um elemento muito importante para o desenvolvimento do ritual é o ramo utilizado para o benzimento. No caso da rezadeira, ela utiliza um ramo de qualquer planta disponível, que é retirado na hora da reza, pois precisa estar verde, "nunca se usa ramo seco". Dona Lurdes também usa um ramo atrás da orelha para evitar receber o mal que está na pessoa quando essa pessoa é adulta e possa lhe causar desconforto, pois, segundo ela, a planta absorve esse mal e sua saúde continua em harmonia.

Com essa afirmativa, ela demonstra o entendimento da importância das plantas no seu ritual, pois, mesmo o ramo retirado da planta, mantém a capacidade de absorver a força da inveja. “[...] as plantas encontraram desde tempos imemoriais as melhores soluções para a maioria dos problemas que afligem a humanidade.” (Mancuso, 2019, p. 10).

Embora o ramo não seja a parte mais importante no ritual de reza, pois é a palavra que cura, ele é imprescindível. Quase a totalidade das rezadeiras, com raríssimas exceções, usa um ramo para rezar, e daí vemos a importância das plantas para esses rituais e a sabedoria desenvolvida por essas mulheres.



Figuras 2 e 3 - Dona Lurdes desenvolvendo seu ofício de reza.

Fonte: acervo do autor.

4 A REZA²

Com dois te butaro

Com três eu tiro

Olhado, quebrante, olho excumungado, sai cima de (diz o nome da pessoa que está sendo rezada)

olhado amaldiçoado

se butaro na bunitiza

Na feiura

Na gurdura

Na magrenha

Na comida

No trabalho

Na pele

Na carne

Todos mal que tiver em cima de (o nome da pessoa rezada) será jogado nas ondas do mar sagrado

Pai-Nosso, Ave-Maria, Santa Maria, Glória ao Pai.

Repete essa oração três vezes a cada dia rezado, no terceiro dia, além de rezar essa oração repetindo três vezes faz o oferecimento.

Oferecimento:

Agora rezei esses três Pai-nosso, com essas três Ave-Maria e esses três Glória ao Pai, ofereço as cinco Chagas de Meu Senhor Jesus Cristo, assim como foi livre, salvo e são das suas cinco Chagas, assim será (o nome da pessoa rezada) livre de olhado, quebrante, todos mal que tiver em cima de (o nome da pessoa rezada) será jogado nas ondas do Mar Sagrado.

Cura Senhor onde doi

Cura Senhor bem aqui

Cura Senhor onde eu não posso ir

²A transcrição da reza foi feita em português popular.

Embora seja esta uma oração básica para o olhado, na sua constituição aparecem elementos que são próprios do modo como Dona Lurdes desenvolve sua reza. É inegável que, enquanto as rezadeiras vão desenvolvendo seu ritual, dependendo da necessidade sentida por elas naquela ocasião, elas mudam, possivelmente para fortalecer a reza por algum motivo que elas intuitivamente presumem. Enquanto estive com Dona Lurdes, vi isto acontecer, não dela acrescentar, mas de diminuir as três frases últimas da sua reza básica.

O número três está presente de uma forma tão especial que aparece na composição dos ramos que ela usa para o benzimento, na repetição da oração, na quantidade de dias de reza necessários para se fazer o oferecimento.

Vemos nessa imagem a busca do equilíbrio organicamente ligado ao número três. Antes, porém, é preciso reconhecer a importância dos números, desde sempre atraindo a atenção das pessoas, utilizados não só para estabelecer medidas, mas também para criar um princípio de ordem das coisas do mundo. (Pereira e Gomes, 2018, p. 182).

Um fator importante na composição da reza proferida por Dona Lurdes é que, além dela fazer os gestos de retirada do mal que está na pessoa, junto com os gestos ela vai dizendo “que todo mal será jogado nas ondas do mar sagrado”, onde acontece a lavagem e a purificação, a um recomeço de equilíbrio e saúde.

“[...] a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um “novo nascimento”; porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida. (Eliade, 2018, p. 110).

Nas rezas de mal olhado, quebranto, é muito comum encontrar parte das orações se referindo à ação de lavagem e purificação pela água, isso sugere a importância da água na criação e manutenção da vida.

No livro do Gênesis relata-se que, antes de Deus criar a luz e instituir o primeiro dia, já havia água em meio ao caos e à escuridão e eram duas: a que estava acima do firmamento e a que estava abaixo dele (Bíblia [...], 1989, Gên. 1).

Daí, se levarmos em conta que o nosso trabalho foi feito com uma rezadeira tradicional católica e que ela vem de uma tradição muito antiga cristã, sua reza se baseia nessa importância da água que está presente desde a criação do mundo segundo essa tradição e de geração em geração essa reza vai passando com vigor e mantendo esse sentido poderoso e profundo da importância da água.

A água está presente em todas as atividades humanas o tempo todo, e nos rituais religiosos, a água está presente em todos os momentos importantes, como os sacramentos, as celebrações festivas como Natal, Páscoa, festa de padroeiro, a água e, nesse caso, benta, vai ser usada nos momentos importantes dessas celebrações, sem esquecer que nas missas comuns a água também está presente.

Então, não seria diferente nas manifestações do catolicismo popular que é onde estão inseridas as rezadeiras tradicionais, que trazem de uma forma bem particular a importância da água dentro de seus ensalmos, perpetuando na tradição oral a importância da água que já se fazia presente mesmo antes de os humanos existirem aqui nesse planeta.

5 UM LONGO CAMINHO

Para iniciar a pesquisa de campo, precisamos fazer uma longa busca e poder encontrar uma rezadeira que se dispusesse a nos receber e partilhar sua história de vida como rezadeira, pois todas que encontramos estavam com a idade bem avançada ou não rezavam mais, ou só rezavam para familiares.

Daí, saímos de João Pessoa e partimos em busca de uma rezadeira no interior. Uma amiga que participa das pastorais da paróquia de sua cidade (Ingá) nos indicou as duas rezadeiras da cidade, a primeira já não reza mais e só a segunda podia nos atender, também com a idade bem avançada, mas com a saúde em bom estado.

Essa, sim, nos atendeu e relatou seu trajeto como rezadeira, mas no dia em que fui até sua casa pela primeira vez ela não pôde me atender, pois estava com sintomas gripais, e em virtude de sua idade (84 anos) a família tem muito cuidado com ela e não permitiu o contato.

Enfim, havíamos encontrado a rezadeira que iria nos ajudar com a sua história a elaborar este trabalho e poder relatar esse ofício tão importante, laborado por tantas mulheres magníficas e que parece estar caindo em desuso.

Diante das dificuldades que foram se apresentando para encontrar uma rezadeira, parece ter surgido um problema: será que as rezadeiras estão envelhecendo, morrendo e não estão deixando novas pessoas habilitadas para prosseguir seu legado?

Pelo menos, é a impressão que pareceu à primeira vista. Será que esta habilidade de curar pela palavra está morrendo? Será que é um processo irreversível? Existem muitas variáveis permeando esse acontecimento que, neste momento, não serão debatidas. Aqui, basta a constatação de que existe, de fato, uma diminuição na quantidade de rezadeiras no campo onde foi trabalhada esta pesquisa.

6 O TRABALHO DE FATO

Na primeira visita que aconteceu em dezembro, não foi possível falarmos com dona Lurdes, que por estar adoentada não pude vê-la, mas tive contato com seu filho Alexandre, que falou um pouco sobre sua mãe como rezadeira e ressaltou: “mamãe só reza olhado.” Embora fosse uma informação

importante, não mudaria nada com relação ao trabalho a ser feito com dona Lurdes. Embora ela só rezasse um tipo de reza, ainda assim ela continuaria sendo rezadeira e usufruindo do respeito, do carinho e do apreço da sua comunidade por exercer tão nobre ofício.

Ao final desta conversa rápida com Alexandre, voltei para João Pessoa imensamente agradecida pelo fato de ter encontrado “a rezadeira.” Passaram-se alguns dias e, quando dona Lurdes restabeleceu a saúde, voltamos e a primeira entrevista de fato aconteceu, norteadas pela pergunta: “Quando a senhora começou a rezar?”

A cada novo encontro, as perguntas eram aprimoradas ou novas surgiam naturalmente numa conversa que sempre fluía. Se dona Lurdes se lembrasse de um fato relevante, de uma memória que estava guardada, ela relatava, e assim foi enriquecendo nosso trabalho. Sempre chegávamos à casa dela às 9:00h e, em todas as vezes, ela estava disponível para nossa conversa, nunca demonstrando impaciência ou qualquer aspecto de desconforto.

Nós íamos de João Pessoa para Ingá, que fica no interior; sempre chegávamos na noite anterior, dormíamos na casa de familiares, e às 9:00h do dia seguinte lá estávamos na casa de dona Lurdes, com caderno de anotações e o celular para gravar seu relato, com sua permissão prévia.

Havia sempre um acolhimento muito grande, a boa vontade dela conosco e com o trabalho que estava sendo feito. Isso perdurou todo o período da pesquisa e repercutiu positivamente, fazendo com que o trabalho fluísse de forma a tudo dar certo e prosperar. Estávamos diante de uma pessoa totalmente desconhecida, como se fôssemos velhas conhecidas.

AS ENTREVISTAS COM DONA LURDES REZADEIRA - INGÁ - PB

Nome: Maria de Lurdes Vieira

Nascimento: 26/01/1939 - 84 anos

Saúde: Ela tem diabetes

Profissão: Agricultora

Ofício: Rezadeira

Onde viveu: Parte de sua vida viveu no campo, parte na cidade

Escolaridade: Coursou o antigo primário - Não sabe ler, só assina o nome

Seu município de origem: Itambé - Pernambuco

Quantos filhos: Teve 14 filhos, entre eles vários abortos e filhos que morreram ainda crianças, só criando 5 filhos

Começou a rezar: Aos 40 anos

Residência: Rua Duque de Caxias - Centro - Ingá - PB

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS³

Transcrição da entrevista 1

Entrevistada: Dona Lurdes

Data: 16/01/2024

Local: Ingá - PB

Maria Aparecida: Quando a senhora começou a rezar, quem lhe ensinou?

Dona Lurdes: Eu tinha 40 anos, quem me ensinou a rezar foi uma tia do meu pai, eu tinha 40 anos quando eu aprendi a rezar, eu morava no sítio e os meus meninos tinha olhado aí eu tinha meu menino e meu menino adoeceu um dia de repente sabe deu uma febre no menino, ficou também vermelho já já se acabando, aqui em Ingá não existia médico era seu Zezito (um senhor muito conhecido na cidade por receitar remédios para os problemas de saúde das pessoas) num sabe, aí eu enrolei o menino, tinha um ônibus de Campina (Campina Grande) aqui pra Ingá, enrolei o menino num pano um lençol mais minha mãe pra trazer pra o médico, aí tinha uma senhora que morava no Hotel Cruzeiro (esse hotel existiu a muito tempo atrás, mas as pessoas continuam chamando aquele local assim) aí ela tinha um roçadin perto lá de casa, aí quando a gente ia passando com ele enrolado ela disse “oxente Maria pra onde vocês vão essa hora com esse menino nesse sol tão quente?” Aí mamãe disse “O menino tava bonzinho chegou Amélia na minha casa - uma vizinha dum sítio lá de fora,- chegou se admirou: “menina que menino lindo, alvo, gordo” mamãe deu banho nele e botou pra dormir quando ele acordou era com essa febre, o menino era choquiado, dona Patrocínia ela disse assim “dona Maria traz esse menino aqui aí eu fui com mamãe no ranchim dela, um ranchim no roçado, um pote cobertinho chei d’água, coberto com um paninho e com os copo, as vassourinha ao redor do rancho ela trabalhava, ela era até viúva, ela aí só ia pra casa de tarde que ela morava no hotel Cruzeiro aí ela foi no oitão assim, tirou três olho de vassourinha (*Scoparia dulcis*) e começou rezar o menino e ele começou a se mexer e ela rezando quando terminou de rezar foi no pote pegou um pouquinho de água deu ao menino, o menino já tava sentado no braço empezinho assim, ó ia matando o menino se não tivesse ido pro medico o olho mal de Graça, aí pegou minha filha, aí pronto foi o tempo que eu creditei eu era assim não confiava que as palavras de Deus fosse tão poderosa assim eu não tinha esse entendimento ainda, aí eu fiquei com esse entendimento que as palavras de Jesus era poderosa mesmo de fazer eu voltar pra casa com ele nos braço sem ir para o médico, ela rezou no outro dia e no outro rezou três vezes aí eu aprendi rezar, comprei uma casa na rua os vizinho às vezes adoecia, e vinha me perguntar se eu sabia rezar, eu dizia sei e assim comecei rezar e agora vem gente até de Gameleira que sabe que eu rezo.

Em Ingá tinha três rezador e tudo já morreu, agora só tem eu.

Assim eu tenho rezado o pessoal e tem ficado tudo bom.

Maria Aparecida: Quais plantas a senhora usa para rezar?

Dona Lurdes: Com qualquer planta eu rezo, arruda (*Ruta graveolens*), vassourinha (*Scoparia dulcis*), pinhão roxo (*Jatropha multifida*), qualquer mato serve pra rezar foi verde serve, pinhão roxo tranca o corpo da pessoa acho que nunca mais a pessoa tem olhado, das planta de rezar ele é o mais forte, as plantas do meu quintal às vezes tão peladas de tanto eu tirar galho pra rezar, tem que ter muita planta, no meu quintal eu deixo os mato que nasce pra eu ter galho verde pra rezar.

Maria Aparecida: A senhora teve problema com algum familiar porque a senhora rezava?

Dona Lurdes: Meu marido nunca se importô, às vezes num dava pra eu fazer direito a comida aí ele dizia o que tiver a gente come, ele nunca se aborreceu, as vezes algum filho fala: mãe ta bom da senhora parar de tanto rezar, aí eu digo que não tem problema, vou continuar rezando só paro quando não puder mesmo, quando Deus me chamar.

Maria Aparecida: Alguma vez a senhora se sentiu doente depois que rezou alguma pessoa?

Dona Lurdes: Eu ficava mufina, aí um rezador me ensinou: pega uma folhinha da planta que vai rezar e coloca atrás da orelha, aí pronto, acabou, pra não receber aquele mal daquela pessoa que eu tô rezando, num sabe?

Aí o povo chega aqui confia mesmo na minha reza, vem gente das rua distante, que o povo é só indicando, os outros rezador todos morreu agora só resta eu, eu rezo com gosto, com prazer, rezo gente de idade e criança também.

Uma história de cura: um professor que trabalha nessa escola na minha rua, chegou bonzinho na escola e começou com aquela agonia, uma vontade de vomitar e foi pro banheiro vomitando, aí um menino da escola disse que sabia de uma pessoa que reza, aí o menino veio aqui perguntou se eu rezava, eu disse que rezava, eu rezei o rapaz ele ficou bom, não veio mais, quando foi outra vez deu a oportunidade de dá de novo, aí dá outra vez ele sentiu que tava bom não precisava mais só que quando a pessoa se reza tem que oferecer a reza aí o oferecimento é na terceira vez, da segunda vez ele se rezou as três vezes e nunca mais ficou doente.

Duas Breves Histórias de Cura:

Eu tinha uns vizinho era um casal com filhos pequenos que sofria muito por que o homem bebia muito e de tanto beber já nem trabalhava mais e pra não ver as criança sofrer eu comprava minha feira, um exemplo eu comprava dois inhame dava um a ela e assim eu dividia muita coisa, aí chegou a ocasião deu chegar na casa deles e o homem está caído bêbado dormindo com a boca meio aberta aí eu rezei o credo em cruz na boca dele, aconteceu que quando ele acordou ele ficou muito doente por algumas semanas e depois que ficou bom, melhorou de tudo e não voltou mais a beber e a vida deles melhorou muito porque quando ele tava bêbado maltratava muito a mulher e os filhos que era ainda criança.

Minha vizinha disse Rezadeira, a menina ta vomitando muito, era uma menina que acho que veio do sítio e tinha ficado doente e ela veio me perguntar se eu rezava, eu disse rezo traga ela aí a menina aqui em casa e só vomitava, eu rezei ela e ela ficou boazinha eu disse depois traga ela pra completar a reza e como ela ficou boa logo da primeira vez a mãe levou ela pro sítio e nunca mais trouxe pra rezar de novo.

Transcrição da entrevista 2

Entrevistada: Dona Lurdes

Data: 15/02/2024

Local: Ingá - PB

Maria Aparecida: A senhora reza seus parentes, eles lhe procuram para serem rezados?

Dona Lurdes: Já rezei muito, rezo meus netos, minhas noras rezo tudo, rezo minhas amigas e os conhecidos e as vezes vem gente de longe pra se rezar comigo porque os rezador daqui morrero tudo, tenho umas família distante que são evangélicos que não rezo não, mais os daqui rezo tudo, veio um senhor de Gameleira que passava mal tomava remédio demais e não tinha jeito aí queria uma pessoa pra rezar ele aí eu só sei que eu rezei ele, ele veio pra aqui, um vizinho deu informação que eu rezava, depois ele veio me agradecer troxe até um jerimum de presente pra mim, ele ficou bom nunca mais deu aquele problema que ele tinha, ele disse que era um negócio da cabeça dele que ele sentia, outra hora era uma fraqueza, e ele era agricultor e não tinha vontade de fazer os trabalhos dele não tava conseguindo trabalhar direito, eu rezei ele, ele se rezou as três vezes na última vez ele veio com a esposa dele e se rezou eu fiz o oferecimento.

Eu fui criada com 7 anos pela mulher do cartório aqui de Ingá (Tabeliã do cartório de notas) ela tem uma família são nove filhos, Janaina mora em Brasília e é a filha mais velha, tem um casal de filhos um menino e uma menina e semana passada vieram, minha irmã ta aqui ela foi criada na casa deles aí vieram de Brasília ela e os dois filhos pra eu rezar e eu rezei eles, são conhecidos e são como irmãos fomo criado juntos.

Tem um professor que tem os problemas dele ele faz livro até me deu um livro dos dele, me pediu para rezar ele eu rezei e muitos adultos daqui de vez em quando chega um pede pra eu rezar e eu rezo a família e os conhecidos, Janaína disse que em Brasília num tem rezador, ela disse que tinha a maior vontade de se rezar e eu já tinha rezado ela e as irmãs quando era mocinha e rezei os filho dela mas dessa vez veio pra eu rezar ela e os filho.

Transcrição da entrevista 3

Entrevistada: Dona Lurdes

Data: 21/03/2024

Local: Ingá - PB

Maria Aparecida: A senhora já teve ou tem um altar com as imagens de santo?

Dona Lurdes: Já tive muitas imagens de santo que ficou velha, mas agora eu tenho na entrada da casa, tenho aqui na sala, tenho no quarto, tenho no outro quarto, tenho Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, o Divino Pai Eterno e outras image.

Uma Breve História das Missões de Frei Damião:

A muito tempo atrás eu era mocinha e tinha um tio que morava em Serra Verde e era crente da Assembleia de Deus e eu vinha junto pro culto com eles, aí no dia da missa quando frei Damião tava em missão em Ingá fez o sermão dele quando terminou o sermão dele na frente da matriz ele disse assim “Ô meu povo de Ingá vocês me faz um pedido? Aquela multidão respondeu faço, ele disse olhe pra vocês não assistir culto de crente, a lei de crente foi tão tarde eles dizem que vai pra o céu tem o céu da boca da formiga e o céu da boca do cachorro” e eu num fui nunca mais, até hoje pra culto de crente. Você soube Frei Damião agora foi aprovado para ser santo?

Maria Aparecida: Em algum momento na sua vida de rezadeira a senhora pensou que não valia a pena e pensou em desistir de ser rezadeira?

Dona Lurdes: Não. Nunca minha fia, quem chegar eu rezo uma pessoa ou mais gente eu rezo, quem chegar eu rezo.

Me lembrei de outra história de frei Damião quando ele tava nas missões em Ingá ele ficava na casa do padre e o pessoal trazia aquelas bacias de ovos e minha vizinha trabalhava na casa do padre, aí frei Damião dizia ela tire esse ovo, esse, esse, esse outro e ia dizendo a ela que separasse um bocado de ovo e esses ele não comia, aí de tanto separar ovo e ele não comer um dia ela perguntou por que ele pedia pra separar aqueles ovos ele disse “porque eles eram de galinha de pescoço pelado” um mistério né? A comida dele de manhã, no almoço, e na janta era uma banda de ovo e uma xícara de chá de laranja é como se já fosse uma pessoa de Jesus já preparado, foi isso minha fia, aí eu digo, agora eu acredito.

“As histórias de vida desses sujeitos são reelaboradas de modo a funcionarem como os mitos, que explicam as origens e o percurso dos eleitos.” (Pereira e Gomes, 2018, p. 119). Numa das missões pegaro a sandália dele e jogaro no telhado da casa vizinha da igreja a casa de Pitota aí dissero vamo tirar ele disse tire não deixe lá, a sandália só vai sai dali com uma cheia e deu mesmo essa cheia e levou as casas quase todas aí pra baixo, mas tem muita gente perverso aí foi que eu não quis mais saber de ir pra igreja de crente.

Neste dia, dona Lurdes rezou duas pessoas, um homem e uma mulher e nesse mesmo dia ela ensinou a reza para a mulher.

Tiramos algumas fotos desses momentos e havíamos terminado nosso trabalho de campo.

³ A transcrição das entrevistas foi feita em português popular.



Figura 4 - Entrevista com a Rezadeira.

Fonte - acervo do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizado com dona Lurdes, rezadeira tradicional, tem o intuito de reconhecer seu trabalho e, a partir dele, a imensa contribuição que inúmeras mulheres em todas as regiões do Brasil, em particular do Nordeste, oferecem para o cuidado da saúde de maneira integral, através da cura pela palavra. “A presença da mulher é marcante no mundo da religiosidade popular, e é ela, numa maioria quase absoluta, quem conhece os segredos das palavras e dos gestos capazes de exorcizar o mal” (Pereira e Gomes, 2018, p. 16). Esse mal, que para uma rezadeira aparece de inúmeras formas, é algo que ela está sempre pronta para remover do meio de sua comunidade, reestabelecendo o equilíbrio individual e coletivo.

Dona Lurdes é uma mulher que traz em si e em sua reza todos os traços peculiares da maioria das rezadeiras tradicionais: é católica, agricultora e uma pessoa muito acolhedora com todas as pessoas que chegam à sua casa, seja para rezar ou para visitá-la. Fazer este trabalho com uma rezadeira tradicional tem sido algo muito gratificante; poder documentar esse ofício tão importante dá a sensação de que é necessário fazer um pouco mais para fortalecer essa sabedoria que, aos poucos, está desaparecendo.

A realidade encontrada em relação à quantidade de rezadeiras na zona urbana de Ingá parece preocupante: existem apenas duas rezadeiras para uma população de 11.599 pessoas, segundo o censo de 2010. Muitos questionamentos surgiram a partir dessa constatação, e cresceu a vontade de

aprofundar ainda mais nossa pesquisa para usá-la como projeto para o mestrado, buscando respostas para as inquietações.

Poder fazer o levantamento das rezadeiras na zona rural e verificar se o declínio também ocorre lá, além de articular o poder público no reconhecimento dessas mulheres enquanto promotoras de cura, especialmente nas áreas mais carentes, é fundamental. Existem alguns exemplos de reconhecimento público desses saberes, principalmente em relação às rezas, mas são esporádicos. Seria ideal que essas experiências não fossem tão pontuais, mas sim que houvesse um acolhimento efetivo por parte dos municípios, para que todos os saberes que coexistem no seio de suas comunidades possam ser vistos e valorizados formalmente.

Além disso, é crucial aprofundar e descobrir quais fatores estão contribuindo para esse declínio e se ele é reversível ou se é algo natural, que precisa acontecer dessa forma, levando ao eventual fim desse ofício. A partir dos nossos questionamentos em busca de solução, chegamos à conclusão de que seria necessário e viável o reconhecimento público através das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). Entre elas está a imposição de mãos, que seria um espaço já consolidado nas práticas integrativas, capaz de acolher a reza/benedura tradicional.

De acordo com a Portaria 702 de 2018 do Ministério da Saúde, que aceita a recomendação da Organização Mundial de Saúde para a utilização das medicinas tradicionais nos sistemas de saúde dos países, essas práticas são reconhecidas no Brasil como Práticas Integrativas Complementares. Nesta portaria, foram acrescentadas novas práticas terapêuticas, incluindo a imposição de mãos (Brasil, 2018). Essa nova prática, contemplada por essa portaria, poderia acolher as rezas e benzeduras, reconhecendo seu valor terapêutico e abrindo espaço para que os municípios iniciassem o processo de reconhecimento, tanto terapêutico quanto como patrimônio cultural imaterial.

A Portaria 702 dispõe sobre a imposição de mãos:

A imposição de mãos é uma prática terapêutica secular que implica um esforço meditativo para a transferência de energia vital (Qi, prana) por meio das mãos, com o intuito de reestabelecer o equilíbrio do campo energético humano e auxiliar no processo saúde-doença. Sem envolvimento de outros recursos (remédios, essências, aparelhos), faz uso da capacidade humana de conduzir conscientemente o fluxo de energias curativas multidimensionais para dentro do corpo humano e de seus sistemas energéticos físicos e espirituais, a fim de provocar mudanças terapêuticas (BRASIL, 2018).

No conteúdo do texto citado sobre imposição de mãos, encontramos os elementos básicos das rezas e benzeduras, e acreditamos que a reza tradicional pode ser contemplada nessa nova terapia estabelecida pelo Ministério da Saúde na Portaria 702 de 2018.

Para finalizar, quero agradecer a dona Lurdes, que de dezembro a março de 2023/2024 nos recebeu em sua casa para partilhar conosco um pouco do que têm sido estes quarenta e quatro anos de dedicação à reza tradicional. Estamos muito agradecidos a esta mulher generosa, que acolhe todas as pessoas que a buscam para serem rezadas.

REFERÊNCIAS

BNDES, Biblioteca digital, História de um Brasil que funciona: governos locais ajudando a construir um país mais justo: ciclo de premiação 2003.

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>, acesso às 12:40h.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 702, de 21 de março de 2018.

Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC. Diário Oficial da União. 22 de mar. 2018.

CAMARGO, Maria Thereza, As plantas medicinais e o sagrado: A etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil, 1ª edição, São Paulo, Ícone Editora, 2014.

CAVALCANTE, Simone Gadelha, Entre a Ciência e a Reza: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras no programa de saúde da família no município de Maranguape - CE, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

Edição nº 3656 pág. 5 - Decreto nº 26.214, de 27 de março de 2024.

DOSSEY, Larry, O poder de cura das coisas simples: Saúde e felicidade sem remédios ou cirurgia, São Paulo, Editora Cultrix, 2007.

ELIADE, Mircea, O sagrado e o Profano: A essência das religiões, 4ª edição, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2018.

ELIADE, Mircea, Tratado de História das Religiões, 3ª edição, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2008.

MANCUSO, Stefano, Revolução das plantas: Um novo modelo para o futuro, São Paulo, Ubu Editora, 2019.

MELO, Sandra Helena Dias de; NUNES, Jarbas de Goes, O discurso da medicina e da reza na (re) construção de identidades, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Caderno de Linguagens e Sociedade, 12 (1), 2011. Periódicos. unb. [br/index.php/les/article/view/10556/9283](http://index.php/les/article/view/10556/9283)

OTTO, Rudolf, O sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional, São Leopoldo, Editora Sinodal/EST; Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

PEREIRA, Edmilson; GOMES, Núbia, Assim se benze em Minas Gerais: Um estudo sobre a cura através da palavra, 3ª edição, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2018.

SILVA, Araci Farias, O papel das rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais, Revista Espaço Acadêmico - Edição Especial - agosto / 2021 ano XXI - ISSN 1519. 6186

SANTOS, Francimário Vito dos, O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/ RN, Natal, 2007 (dissertação de mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SERTÃO MÍSTICO, Dom. 30 de junho de 2024, Dona Maria a rezadeira de Barra de Guabiraba - PE. <https://maps.app.goo.gl/5ptAqhdMKeCSF...> acesso 18:10 h.

APÊNDICE

PERGUNTAS QUE NORTEARAM AS ENTREVISTAS COM DONA LURDES
Quando a senhora começou a rezar?
Qual foi o motivo para a senhora querer aprender a rezar?
Quem lhe ensinou a reza?
Como foi no início a aceitação das pessoas que ficavam sabendo que a senhora rezava?
A senhora teve algum problema com seu esposo, filhos ou algum familiar por causa de sua rotina de reza?
A senhora teve algum problema com autoridade da igreja, da justiça, da polícia por desenvolver o ofício de rezadeira?
Em algum momento na sua vida a senhora achou que não valia mais a pena e pensou em parar de rezar?
A senhora reza seus familiares ou só reza pessoas de fora?
Como se sente em saber que na sua cidade só existem duas rezadeiras a senhora que continua rezando e outra que já não reza mais por conta da idade avançada?